

AMM

Uma  
Impostora  
em  
**Harvard**

ESTRA

## Uma impostora em Harvard

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.  
Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Jacques Fux

ISBN: 978-65-602522-88

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books  
Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F99

FUX, Jacques

Uma impostora em Harvard / Jacques Fux. – São Paulo: Faria e Silva,  
2025.

152 p. : 14x21 cm

ISBN 978-65-602522-88

1. Ficção brasileira – Século XXI. 2. Romance autobiográfico. 3.

Crítica social – Sátira. 4. Vida acadêmica – Ficção. 5. Identidade  
cultural – Narrativa pessoal. I. Título.

CDD: 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

JACQUES FUX

Uma  
Impostora  
em  
**Harvard**

**FARIA SILVA**  
EDITORA

AMNOSTRA

## Sumário

1. De 1636 a 2012 – 1
  2. O secretário de Harvard – 7
  3. Com Hemingway em Buenos Aires – 14
  4. As lagostas e os ratinhos de David Foster Wallace – 23
  5. No porão com Kafka, Dostoiévsky e Coetzee – 34
  6. Homi Bhabha e o meu *antilocal* da cultura – 43
  7. Squash: a ignorância é uma benção – 53
  8. *Blind date* com o violinista no porão – 63
  9. Serendipidade: Gertrude Stein e o Pub Boston – 72
  10. Na chaminé com Jacques Rancière – 80
  11. Pornografia e Holocausto – 89
  12. “Momentos Nicolau Sevcenko” – 97
  13. Dançando no Castelo Lampion – 109
  14. Do IgNobel às Norton Lectures de Eco, Borges, Calvino, Pamuk e Hancock – 120
  15. Flertando (e se ferrando) com Ferran Adrià, Marina Abramovic, Julia Kristeva e Beatriz Sarlo – 131
  16. Yo Yo Ma: *Après un rêve* – 142
- Pós-fácio** – Literatura e decadência – 149

AMNOSTRA

*... há um fato extraordinário, que só a astrologia pode explicar:  
o florescer de homens-gênios, em uma pequena área dos Estado Unidos,  
ao longo da primeira metade do século XIX.  
Prefiro, evidentemente, esta New England, que tem tanto de Old England.  
Seria fácil fazer uma lista infinita de nomes.  
Poderíamos mencionar Emily Dickinson, Herman Melville,  
Thoureau, Emerson William James, Henry James e, é claro,  
Edgar Allan Poe, que nasceu em Boston.*

**Jorge Luis Borges**

*Scrittore Impostore*

**Elena Ferrante**

*Homens-gênios, Borges? E as mulheres?  
O senhor não se esqueceu de Harriet Stowe, Louisa Alcott,  
Edith Wharton, Edna Milla e Sarah Jewett?*

**Dra. M. K.**

AMNOSTRA

## De 1636 a 2012

**H**arvard foi fundada em 1636, na cidade de Cambridge, estado de Massachusetts, por machões puritanos que desejavam estabelecer um local para o treinamento e formação de novos clérigos (e outras coisinhas proibidas). Apesar de 8 ex-presidentes norte-americanos se graduarem nessa universidade e mais de 150 ganhadores do Nobel terem sido filiados à instituição, não encontramos nenhuma mulher nesse universo. Apenas em 1920, a primeira mulher foi aceita como aluna na Faculdade de Educação.

No início do século XX, alguns professores (homens) adotaram a eugenia como doutrina vigente e discursos clamavam por esterilizações forçadas de parte da população. Não bastasse essa vergonha histórica, alguns dos ex-alunos (homens), que se tornaram políticos (homens), levaram esse pensamento ao Congresso e a outros cargos do governo. Nos anos de 1930, com a insurgência de discursos de ódio na Europa, outros ex-estudantes sectários (homens) formaram a Liga de Restrição à Imigração e fizeram bastante estrago. Mesmo relativizando o momento histórico e seu anacronismo, esses atos infames perduraram por décadas. Em 2015, a primeira mulher a assumir o cargo de presidente de Harvard (por reparação ou por vergonha histórica?), Drew Faust, teve coragem de enfrentar algo velado: quase um terço das alunas de graduação sofreu algum tipo de agressão sexual, sendo

que mais de três quartos dessas agressões ocorreram nos dormitórios da instituição. Já em 2024, Claudine Gay, a primeira pessoa negra a se tornar reitora, se viu obrigada a renunciar em meio a polêmicas e perseguições racistas, antijudaicas e misóginas.

Com certeza, eu só poderia me sentir uma impostora por lá (sentimento que homens não compartilham).

Mas chega de falar dos homens.

Confesso que não conhecia nenhuma dessas infâmias; a verdade é que nem sabia onde ficava Harvard. Pensava que seria uma coisa do tipo Terra do Nunca, País das Maravilhas ou Macondo. Imaginava que numa das cavernas de Harvard (cavernas?) tinha sido filmado o *Sociedade dos poetas mortos* e que todo dia (os homens) recitavam “Oh Captain my Captain” e outros versos de Whitman. Também acreditava que ninguém transava por lá (só assediava), afinal, a *intelligentsia* não teria tempo para essas superficialidades; eles precisavam ganhar a maioria dos prêmios Nobel, Pullitzer, Marshall.

Mas, estava enganada! No meu caso, transei com quem quis... o poder de um sorriso diante de um sexo fraco.

A ideia de ir para Harvard surgiu durante um período de diversão literária em Nova York. Tinha economizado minha bolsa de doutorado e decidi viajar uns meses para realizar pesquisas para um pós-doutorado. Nunca havia visitado Nova York e fiz a péssima escolha de ir durante o verão. Nesse período, um calor e um bafo sufocante pairam sobre os famosos bulevares — além de um fedor vindo dos esgotos. Dante teria criado um circulozinho especial para NY se tivesse passado o verão por lá. A “cidade que nunca dorme” não dorme por conta da fedentina.

Apesar de suar ininterruptamente, gostava de caminhar como uma *malodorante flâneuse* pelas ruas abarrotadas de turistas com suas sacolas de compras e mais compras, conversando sobre promoções e passando os dias em *shopping malls*. Confesso que fui doutrinada por essa legião e me vi cheia de sacolas numa excursão que fiz a um *outlet*.

Teria me entregado ao consumismo se o acaso não tivesse me jogado para dentro de um ar-condicionado. Quase desfalecendo nas ruas da Union Square, entrei para me refrescar no primeiro lugar que vi. E qual não foi minha surpresa quando percebi que estava num sebo da Broadway 828 — a Strand Bookstore —, com mais de trinta e sete quilômetros de corredores e prateleiras, e dois milhões e meio de livros.

A partir de então, a minha estada em Nova York passou a ser dentro desse labirinto. Desejava encontrar ou ser encontrada por um livro misterioso que pudesse dar rima e rumo aos meus sonhos literários. Cada dia era diferente do outro: novos corredores com os mais variados títulos, gêneros, autores e mentiras. Mesmo que tentasse percorrer o caminho do dia anterior, era impossível revisitá-lo. Parecia que a minha vida ia se tornando um *Livro de areia*, com letras e descobertas infinitas. Assim, submersa nesses delírios, fui escolhida por um exemplar que me levaria a Harvard.

Dos muitos livros comprados que não li, um tratava do meu tema de pesquisa: a memória e o trauma na literatura francesa. Esse trabalho apresentava uma teoria inovadora, uma narrativa instigante e havia sido escrito por uma pesquisadora premiada — até a Legião de Honra Francesa a professora Susan Suleiman tinha recebido das mãos de Emmanuel Macron. Entre os milhões de livros da Strand, o acaso me elegeu: Suleiman se tornaria a minha supervisora em Harvard.

Mas aí começa toda a minha inocência: achei que era só seguir a professora pelo seu *rabbit hole*, contar das minhas publicações e vitórias (suadas), que assim seria aceita nesse País das Maravilhas.

Grande, grande engano.

Enfim, ser mulher, escritora e pesquisadora é exercitar a arte da rejeição, do fracasso e a pior de todas as respostas: o silêncio. Os detentores (homens) dos pequenos (falos) poderes (podres), em berço esplêndido (da mamãe), têm o costume de não responder às mensagens — ou, se respondem, resolvem nos explicar (*mansplaining*) demais, dar uns *likes* nas nossas fotos e nos convidar para uma “tutoria” com “vinho”. Se não damos abertura, então estão atarefados e sem interesse no nosso trabalho. Hoje, fico muito feliz ao receber respostas automáticas da *The New Yorker* e da *The Paris Review* se desculpando por não publicarem meus contos — ao menos uma inteligência artificial teve o trabalho de ler meu manuscrito, analisá-lo com respeito e recusá-lo. (O pior é saber que a inteligência artificial tem “vieses”; textos escritos por homens brancos têm mais chances de passar pelos primeiros crivos dessa máquina machista).

Passei um tempo sofrendo com o silêncio da legionária Suleiman, mas, mesmo sem esperanças, decidi não me dar por vencida. Comecei a escrever para professores das universidades brasileiras que podiam conhecer alguém em Harvard e abrir uma porta. Novamente me enganei: quem tem esses contatos não compartilha (mas não perde a oportunidade de convidar para um café ou vinho); guarda-os como o Gollum no *Senhor dos Anéis*, *my precious ring*, ou como uma criancinha na fase anal. Mais uma jornada de silêncios.

Foi então que tive uma luz: minha tese de doutorado fora premiada (também me senti uma impostora quando isso aconteceu). Como fiz uma cotutela, tive duas orientadoras — e me lembrei da

francesa, Christelle Reggiani —, que, apesar de criticar meu francês macarrônico, sempre admirou meu trabalho.

Escrevi sem papas na língua e, com uma rapidez surpreendente, Christelle entrou em contato com a colega norte-americana. Dois dias depois, um e-mail da professora Susan Suleiman chegava ao meu spam — afinal, nem a inteligência artificial acreditou que eu receberia uma mensagem de Harvard.

## **Cartas à jovem impostora**

K, sei que você se sente como uma atriz escalada para a estreia de uma peça a qual não ensaiou. Que o teatro está lotado e todos esperam uma atuação brilhante, sendo que você não faz nem ideia de como isso pôde acontecer. Sei que você sente as conquistas obscurecidas pela sensação de não merecimento. Angústia sempre presente. Imagino que cada vitória é desmerecida, enquanto a derrota é até comemorada no seu íntimo. Um duelo entre o ego e o superego que internaliza normas sociais e expectativas externas, e se torna uma fonte de julgamento implacável transformando a sua conquista em uma ilusão passageira e o fracasso em uma confirmação da própria inadequação. É uma luta-dança entre autoimagem e autoestima. As escritoras e pesquisadoras que experimentam essas sensações navegam em um mar de incertezas e só descansam quando se fragmentam.

Dra. M. K.

## O secretário de Harvard

A etimologia de “secretária” é perversa: vem do latim, *secretariu*, e uma primeira acepção se refere a um lugar ou a um tempo afastado. Também alude à suposta sala de reuniões invisível aos olhos, mas presente na imaginação e no recalque, onde juízes e tribunais clandestinos (masculinos) deliberavam e executavam práticas libertinas, assédios e abusos dos mais variados.

No latim medieval, a acepção mais comum de “secretária” está relacionada a uma pessoa próxima a quem se pode confiar (e mostrar) segredos. De forma conotativa, associa-se a um fascínio sexual: uma “secretária ou secretário” chama a atenção num escritório, numa casa de swing, numa festa à fantasia ou em qualquer carnaval que se preze. Por isso, os reprimidos norte-americanos proibiram o uso da palavra; falar “secretária” passou a ser abusivo, sendo substituído por “assistente executiva”. No Brasil, no entanto, ainda empregamos o verbete para quase tudo e com as mais férteis conotações (e abusos).

Seja “secretária ou secretário” ou “assistente executiva ou executivo”, são eles que governam o nosso destino.

Após o recebimento do e-mail, contava para todos os ventos, mesmo morrendo de medo de terem se confundido, da minha admissão em Harvard. Decidi dar uma festa (a última que tinha organizado ficou registrada nos anais da *Maison du Brésil*). Essa *Maison* onde

morei, criada para ser um microcosmo da cultura brasileira em Paris, foi concebida por Le Corbusier e Lúcio Costa. Inaugurada em 1959, é uma das 23 residências internacionais da *Cité Universitaire* e funciona como casa temporária para acadêmicos, estudantes e artistas brasileiros. Muitos notórios pesquisadores passaram por lá — Ruth Cardoso, Sebastião Salgado, Arthur Moreira Lima, Zuenir Ventura, Antônio Abujamra —, e alguns gostam de recordá-la como “o bunker da perdição” ou “a Terra do Nunca”. Foi na *Maison*, minha *Paris é uma festa*, onde vivi sonhos, encontros e desencontros — e onde almejei me tornar escritora. Desejava que a comemoração pela minha entrada em Harvard fosse parecida com essa que ocorreu na Cafeteria da *Maison du Brésil*, mas não aconteceu nada disso. Inclusive esse famigerado evento de 2010 quase comprometeu a minha ida para Harvard, em 2012.

Lembro-me desse evento: DJ Paulinho Carioca engendrou uma *playlist*. Primeiro, sambinhas para que todos pudessem conversar e se entreter enquanto a bebida desfraldava os mimadinhos; depois, um funk para que os *geeks* libertassem os desarmonizados quadris e se atacassem; e, por fim, um rock psicodélico convocando à copula. Durante o sambinha, flertava com muitos garotos, inclusive com Romain, um francesinho de Sorbonne com quem já trocava sorrisos, beijos escondidos e bate-papos literários. Eu estava decidida a passar a noite com ele, e o efeito do álcool ainda acirrava minha libido. Lembro-me de que nos beijávamos ao som de alguma música do Bonde do Tigrão e, quando estávamos prontos para uma brincadeira de corpos (e na torcida para que eu fosse premiada com um orgasmo; no primeiro encontro, apenas 10% das mulheres gozam, não por falta de vontade, mas por inabilidade e egoísmo do “macho alfa”), dei uma passada no banheiro da cafeteria. Lá, acabei me enroscando com um

brasileiro — por sinal, muito parecido com o francês — e o sequestrei para o meu castelo-quarto de 14m<sup>2</sup> com vista microscópica para a Torre Eiffel ao som da batida de Pink Floyd (infelizmente, me tornei parte do grupo das 90% não gozantes).

Teria sido ridículo se apenas houvesse restado um constrangimento com o francês. Porém, anos depois, nos reencontraríamos: ele como o secretário — ou melhor, assistente executivo — responsável pela minha recepção em Harvard. E esses homens, quando preteridos, ficam com o ego ferido e se tornam vingativos e ainda mais idiotas.

Após o aceite formal da minha *sponsor*, deveria receber do secretário do departamento uma carta convite e o pedido oficial para que meu visto de pesquisadora fosse emitido pela Embaixada Norte-Americana. A universidade mais renomada do mundo deveria ser, imaginava, a mais eficiente e com os funcionários mais prestativos. Certo? Não. Foram muitas noites em claro à espera de uma resposta, de um “Dear Doctor K”. Ansiedade, frustração e raiva foram tomando conta de mim: neurótica, inventei cenários apocalípticos. Tive sonhos agressivos e eróticos, ao estilo do filme *A secretária*. Era, sem dúvida, o meu inconsciente-vidente se manifestando.

Nesse libidinoso longa-metragem, Steven Shainberg peregrina pela intimidade e o concubinato inerentes à ideia de “secretária”. Partindo do conto da escritora Mary Gaitskill, o filme e os meus sonhos teciam uma rede intrincada de sátira pornográfica sobre as relações de poder e sexualização num ambiente de trabalho. No filme, a senhorita Lee, secretária de um pequeno escritório de advocacia, tem a pulsão por cometer erros de digitação para que seu chefe, o senhor Grey, seja “obrigado” a curvá-la sobre uma mesa e aplicar-lhe um castigo. Já em meu sonho, o assistente executivo de Harvard

escondia propositalmente a carta da professora Suleiman enquanto eu o obrigava a rastejar encolirado, e com um *gag ball*, pelo seu escritório à beira do Charles River. Eu, de posse de um chicote — e ele tentando rasgar a minha preciosa carta de aceite —, o esbofeteava gritando “Go faster, go faster!”, enquanto ele urinava na minha carta de aceite. Então, eu acordava suada e ia correndo checar os e-mails. Infelizmente, não havia nada, apenas alguns spams me direcionando para lojas com artigos sadomasoquistas.

Qual segredo o secretário de Harvard guardava? Será que havia algum problema com o meu *application*? A minha insegurança me apavorava.

Então, não aguentando mais, escrevi outro e-mail, desta vez com cópia para a professora Suleiman, mesmo sabendo que pareceria rude. Duas horas depois, chegou uma resposta somente para mim: “Dear Doctor K, desculpe pela demora. Em anexo, a Sra. encontrará a confirmação de sua aceitação no Programa Romance, Languages and Literatures e os documentos para o pedido de visto. Sincerely, Romain.”

Ufa, que alívio, que alegria! Agora não tinha mais volta. *Harvard, here I go!*

Ao chegar em Harvard, me dei conta de que esse Romain era o mesmo da *Maison du Brésil* de 2010 — aquele que deixei plantado na cafeteria. E esse secretário administrativo fez da minha vida um pequeno inferno por lá. Mesmo sem gozar, foi melhor ter “subido” com o brasileiro.